

## A CONSTRUÇÃO DO CORPO A PARTIR DA RELIGIÃO

Ana Carolina Capellini Rigoni  
Elaine Prodócimo

### RESUMO

Partindo do pressuposto de que as crenças religiosas interferem no comportamento dos indivíduos, o que se aplica também ao uso e a construção do corpo do fiel, realizamos uma etnografia numa Igreja Evangélica Assembléia de Deus, na cidade de Campinas. O objetivo foi compreender como se dá a reconstrução simbólica do corpo a partir da religião e como isto se torna observável nas ações e nos gestos dos indivíduos religiosos. No entanto, no presente texto, optamos por tratar mais sobre a revisão bibliográfica realizada do que, propriamente, sobre os dados da pesquisa de campo.

Palavras-chave: Religião. Assembléia de Deus. Corpo. Técnicas Corporais.

### ABSTRACT

From the assumption that the religious beliefs interfere the individual behaviour – which is also applicable to the use and construction of the believer's body, we conducted an ethnographical research in an 'Assembléia de Deus' Church (Protestant) in the city of Campinas. The goal of this study was to comprehend how the symbolic reconstruction of the body from religion is made, and how it becomes observable in the actions and gestures of the religious subjects. However, in this text, we decided to deal more about the literature review held and not on data from field research

Key words: Religion. Assembléia de Deus. Body Techniques.

### RESUMEN

Partiendo de la presuposición de que las creencias religiosas interfieren y a veces determinan los comportamientos de los individuos, lo que también es aplicable al uso y a la construcción del cuerpo del creyente, Realizamos una investigación etnográfica en una Iglesia Evangélica 'Assembléia de Deus', en la ciudad de Campinas. El objetivo de este estudio ha sido el de comprender cómo se hace la reconstrucción simbólica del cuerpo a partir de la religión, y cómo esto se hace observable en las acciones y en los gestos de los individuos religiosos. Sin embargo, en este texto, hemos decidido tratar más sobre la revisión de la literatura realizada, y no en datos de investigación de campo.

Palabras llave: Religión. Assembléia de Deus. Cuerpo. Técnicas Corporales.

### 1. INTRODUÇÃO

Nosso corpo se constrói por meio das múltiplas experiências que vivenciamos e, entre essas experiências, a religião pode ser destacada. Isto se deve a um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, de acordo com as crenças de cada religião.

A cultura religiosa influencia no uso das “técnicas corporais” e na construção dos corpos. E quando nos referimos aqui e no decorrer de todo o texto à “técnicas corporais”, utilizamos o termo no sentido dado por Mauss (2003). Quando o autor se refere à “técnicas corporais” ele não está se referindo apenas à técnicas que são aprendidas em uma aula de Educação Física, nos quartéis ou nas academias. Ele usa o termo técnicas do corpo para explicar os gestos e os modos de agir de cada indivíduo que são decorrentes de sua vida em determinada sociedade. Ou seja, atos tradicionais, porque a técnica a qual Mauss se refere não pode existir se não for tradicional, “(...) não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p. 407).

De certa forma, todas as religiões estabelecem normas e padrões de comportamento aos indivíduos em todas as suas ações cotidianas. Sendo assim, o corpo de cada ser humano reflete um emaranhado de símbolos que foram aprendidos, não só pela educação formal, ou pela crença religiosa, mas por todo um processo no decorrer de suas vidas, o que o torna algo dotado de experiências construídas culturalmente. Sejam elas ritos, crenças, condutas sociais ou tradições, o fato é que estas experiências são todas culturais, de certa forma, a cultura de cada indivíduo é modificada e influenciada por todos estes aspectos.

Dentre as inúmeras religiões existentes, foi uma, em especial, a que nos chamou mais a atenção e que nos gerou o pressuposto inicial, de que a crença atua na educação do corpo de forma claramente perceptível nos gestos e comportamentos dos fiel em seu cotidiano. Referimos-nos a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, uma das primeiras denominações pentecostais surgidas no Brasil (1911) e que, junto com a Congregação Cristã (1910) constituem-se como as duas igrejas evangélicas que ainda se mantêm extremamente conservadoras até os dias atuais (MARIANO, 1999). Por ser uma igreja tradicional, ela mantém seus “usos e costumes” praticamente intactos desde sua fundação. Os fiéis da Assembléia de Deus são cobrados e vigiados o tempo todo e, principalmente as mulheres, recebem uma educação rígida e conservadora, de acordo com os costumes patriarcais estabelecidos pelo Cristianismo.

Inúmeras regras, como as vestimentas mais apropriadas, o uso ou não de adornos, os cortes de cabelo e as práticas corporais mais adequadas são impostas às meninas e mulheres da Igreja desde muito cedo. Elas aprendem que devem se comportar com “pudor e modéstia” para não chamarem a atenção dos homens para seus corpos. A rigidez com que são educadas se torna facilmente observável. As mulheres da Igreja tornam-se estereotipadas e isto se dá de forma intencional, pois precisam ser reconhecidas como “crentes”.

Na escola, isto não fica distante e as meninas da igreja muitas vezes são estigmatizadas e reconhecidas como “diferentes”. Elas vão à escola com roupas simples, estão sempre vestindo saias longas e sem cor, normalmente têm os cabelos compridos, pois cortá-los é pecado, são proibidas de dançarem e de ouvirem músicas que não são as da Igreja etc. Não é raro vermos professores de Educação Física que têm dificuldades em trabalhar com estas crianças durante as aulas, pois além das proibições a que estão submetidas, elas são, normalmente, mais retraídas e suas técnicas corporais se diferem bastante das técnicas corporais das outras crianças.

Por estes motivos faz-se necessário refletirmos a respeito das crenças religiosas e sobre como elas chegam até nós, através da escola. Foi a partir destas constatações iniciais que fomos levadas a pensar sobre como se dá esta reconstrução simbólica do corpo a partir da religião e como isto se torna observável nas ações e nos gestos dos indivíduos religiosos, especificamente das mulheres evangélicas.

Deste modo, optamos por realizar uma pesquisa etnográfica numa Igreja Evangélica Assembléia de Deus, localizada na cidade de Campinas. O texto que aqui apresentamos é fruto de parte desta pesquisa, que foi realizada durante o curso de mestrado<sup>1</sup>. O fato de nos referirmos apenas à parte da pesquisa se deve, em princípio, a dois motivos. Primeiro, devido às poucas linhas que temos para tratar de um tema tão complexo. Segundo, porque optamos por fazer referência mais aos dados da pesquisa bibliográfica do que aos dados da pesquisa de campo.

A opção pela etnografia se deve ao fato de que, como nos mostra Geertz (1989), ela possibilita a descrição e a interpretação dos fenômenos culturais que envolvem um determinado grupo social, nesse caso o grupo religioso escolhido. Isto, de certa forma possibilitou colocar-nos na perspectiva dos sujeitos investigados, compreendendo assim a lógica que rege as ações do grupo, ou seja, as razões pelas quais as pessoas agem da maneira como agem. Por sua vez, para compreendermos as relações que perpassam o estudo é necessário compreendermos antes a origem do fenômeno religioso e suas mudanças no decorrer do tempo. O que torna indispensável o uso de autores que tratam sobre o assunto desde suas origens até os dias atuais. Neste sentido, utilizamos autores como Émile Durkheim e Marcel Mauss, que interpretam os significados da religião nas sociedades primitivas e que, são importantes para a reflexão sobre o fenômeno ao longo do tempo mas, no entanto, não dão conta dele nos dias atuais. Utilizamos o Antropólogo contemporâneo Clifford Geertz para compreendermos o fenômeno religioso na atualidade e, ainda, autores como Ricardo Mariano, Pierre Sanchis, Claudirene Bandini e outros, que estudam o fenômeno pentecostal e, portanto, tratam especificamente da vertente religiosa a qual me propus a estudar.

O que apresentamos a seguir é um pequeno resumo da pesquisa teórica realizada sobre a religião e a Igreja Evangélica que, por estar sendo tratada vinculada a um tema caro à Educação Física (o corpo), precisa ser discutida e pensada antes de apresentarmos os dados da pesquisa de campo.

As reflexões teóricas são importantes justamente na medida em que tratam de outra área de conhecimento que não a própria Educação Física. O fato de este ser um tema novo e pouco pesquisado na área, implica na necessidade de uma base teórica que justifique tais preocupações recorrentes durante a pesquisa e que, principalmente, localize o leitor sobre o assunto que estamos tratando. Desta forma perceberemos o que a religião, neste caso a evangélica, tem a ver com a educação do corpo e como é fácil observar suas formas de educação observando os gestos dos indivíduos religiosos.

## 2. A RELIGIÃO E SEUS SIGNIFICADOS

Geertz (1989) em seus estudos sobre a religião se restringe a interpretar a “dimensão cultural da análise religiosa”, torna-se importante, então, citarmos o conceito de cultura formulado pelo autor.

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atenho não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em

---

<sup>1</sup> Ver o texto completo em: RIGONI, A. C. C. Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar. 162p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. O texto pode ser acessado no endereço eletrônico: <http://libdigi.unicamp.br/>.

símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p.103).

Assim, visualizamos uma perfeita relação entre o significado da palavra religião e o conceito de cultura expresso pelo autor. A religião justamente faz parte deste padrão de significados (dogmas e crenças) que são transmitidos no decorrer do tempo, de geração à geração, e nele vemos incorporadas diversas formas simbólicas (santidades, deuses, demônios, ritos, sacrifícios), que se constituem em códigos pelos quais os fiéis podem se comunicar.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais e os comportamentos. A cultura é um contexto, dentro do qual estes acontecimentos e comportamentos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, de forma densa (GEERTZ, 1989). Por isso a religião pode ser interpretada e descrita, sem o receio de não se dizer “a verdade”, pois esta “verdade” é um contexto, e acima de tudo é um contexto que Geertz (1997) chamaria de local.

Assim sendo, entendemos que a cultura também é local. Os comportamentos e tradições seguidos pelos fiéis de uma igreja são locais e talvez únicos, não podendo ser comparados de forma simplificada a outras igrejas. Existe uma coletividade que dá voz a esta igreja, ditando os modos de agir e de viver de forma muito particular. Consequentemente estes modos de agir se perpetuam no tempo e nos corpos de cada fiel, demonstrando que a religião se confere como uma estratégia de intervenção no corpo.

Gestos e comportamentos religiosos evidenciam a tentativa de moralização do corpo. Cria-se uma gestualidade tipicamente religiosa. Os fiéis aprendem, desde muito cedo, que existem gestos religiosos (puros) e gestos profanos. Isto demonstra que o resultado de qualquer tipo de educação, seja ela religiosa ou não, recai em primeiro lugar sobre o corpo da criança. É ele (o corpo da criança) quem sofre as primeiras interferências em suas relações com os adultos.

Mas, se Geertz vê o fenômeno a partir da cultura, Durkheim e Mauss o fazem a partir da sociedade.

Para Durkheim a religião é vista como um fenômeno social, no qual as crenças dos homens só se explicam por terem significados especificamente humanos investidos em seus conceitos. Durkheim se coloca explicitamente como um incrédulo de qualquer força sagrada que não aquela formulada e investida de força pelos homens. Para o autor, as mudanças ocorridas na vida do fiel e que eles crêem ser de cunho religioso só acontecem porque o inconsciente humano, fortalecido por um ideal de religião é suficientemente poderoso para ocasionar mudanças. Ou seja, o poder coletivo investido por um grupo social é capaz de causar significativos sentimentos de religiosidade que só são reais porque são legitimados pela crença humana.

Podemos entender a religião como uma das várias formas de expressão da cultura, que por sua vez é repleta de símbolos que norteiam as ações e os comportamentos daqueles que nela se inserem. Para entendermos como isto acontece, ou seja, como uma religião se constitui na vida dos indivíduos, precisamos compreender como estes mesmos indivíduos começam a crer nestes símbolos atribuindo assim “significado” a eles.

Geertz (1989) ao explicar sobre o conceito de significado fala que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* e a visão de mundo de um povo. Para o autor, na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo demonstra um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atuais que a visão de mundo descreve. Estas coisas são de certa forma verdadeiras, pois são emocionalmente convincentes. Os símbolos religiosos que formam o *ethos* de um povo, são adquiridos a partir do momento em que este povo decide aceitar tais símbolos como importantes dando veracidade a uma crença. Uma pessoa só precisa aceitar o fato de que um determinado deus existe se ela realmente quiser e se fizer sentido para ela que ele exista. Assim sendo, nem todas as pessoas precisam necessariamente crer em alguma coisa, no entanto, Geertz nos fala que a maioria delas opta por crer.

Para o autor, a generalização muitas vezes ouvida de que a religião é um universal humano gera uma confusão entre a proposição talvez verdadeira (embora improvável) de que não há nenhuma sociedade humana que não possua padrões culturais religiosos. Da mesma forma que gera a proposição certamente não verdadeira de que todos os homens, em todas as sociedades são religiosos. Diante de tudo isto, o que sabemos é que a religião, mesmo não sendo um universal humano, é um fenômeno significativo nas sociedades.

Justamente por ser um fenômeno significativo não há como compreender os ritos e as crenças de um grupo religioso, se neste processo atribuímos qualquer juízo de valor às crenças observadas (DURKHEIM, 1996). Isto seria fazer dos textos científicos uma guerra contra as religiões, e segundo Durkheim este não poderia ser o papel de um sociólogo. A religião pertence à sociedade e por isso, para o autor, ela exprime o real. Apesar de, as vezes, estranharmos alguns rituais religiosos, é preciso ver debaixo do símbolo que ele representa.

Se pensarmos desta forma, percebemos que os ritos, os atos e até as vestimentas relativas à Igreja pesquisada, têm suas explicações, ou seja, elas correspondem às necessidades destes fiéis em aceitarem tudo isto como verdadeiro sem se questionarem se estão certos ou errados. Neste sentido, o que está em jogo não é a razão, e sim os sentimentos (a emoção). E estes sentimentos se traduzem como “fé”. É a fé que têm os fiéis que torna uma crença “forte”. Num dos cultos observados, durante a pesquisa de campo, o Pastor da igreja proferiu a seguinte frase: *A fé é o único e firme propósito que nos dá a certeza de que realmente vai acontecer o que esperamos que aconteça*<sup>2</sup>. Ou seja, é justamente a fé das pessoas que, quando investida na crença de uma determinada igreja, confere poder a esta mesma igreja. Uma Igreja “poderosa”, a qual exerce fascínio e autoridade sobre os seus fiéis é aquela que melhor convenceu seus participantes de que tudo que é dito por seu líder é verdade. E, neste caso, o fiel não precisa ter certeza, ele só precisa ter o sentimento de fé necessário.

O ser humano busca e cria símbolos durante toda a sua vida. São estes símbolos que dão significado às ações e aos comportamentos de cada indivíduo. São a partir deles que nos sentimos “pertencidos” a uma determinada sociedade e inseridos em certa cultura. E como diz Durkheim (1996), a religião está cheia destes símbolos.

Assim sendo, as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, por isso “os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns

---

<sup>2</sup> A partir daqui para facilitar o entendimento do leitor, sempre que aparecerem no texto frases ditas pelos membros da igreja pesquisada elas serão colocadas em itálico.

estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 1996, p. XVI). Ou ainda, os ritos servem para atestar crenças coletivas.

Os ritos e comportamentos de pessoas que freqüentam determinado grupo religioso mostram sobre as visões de mundo deste grupo. No comportamento dos fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus há muito mais do que simples elementos religiosos, estes elementos podiam indicar histórias de vida, e mais do que isso, poderiam indicar maneiras escolhidas pelos fiéis para educarem seus corpos para viver em sociedade.

## 2.1 O sagrado e o profano

Apesar de tantas tentativas de definição sobre a religião, o conceito elaborado por Geertz (1989) é pertinente e explicativo.

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral, e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 105).

Para Durkheim (1996), assim como para Mauss e Hubert (2005) o que melhor define o fenômeno religioso é a oposição entre o sagrado e o profano. Para os autores, a religião é justamente a busca pelo sagrado e o abandono da vida profana. Sendo assim, a explicação destes autores completa a de Geertz, ou seja, as motivações citadas por Geertz são justamente no sentido do fiel conseguir atingir o plano do sagrado.

Durkheim (1996) diz que todas as crenças supõem uma classificação das coisas em “reais” ou “ideais”, e que para ele estão ligadas ao profano e ao sagrado respectivamente. Assim como para Mauss, Durkheim também diz que a divisão entre sagrado e profano traduz bem o pensamento religioso. A exemplo disto teríamos os homens como profanos e portanto reais, e os deuses como sagrados e portanto ideais. Os ritos, por sua vez, são responsáveis pela comunicação entre ambos.

Entre todos os ritos observados, havia um que era praticado todos os dias por quase todos os fiéis. O rito se dava da seguinte maneira: os fiéis ao chegarem no culto, colocam suas Bíblias na cadeira, ajoelham-se no chão voltados para o encosto da cadeira e começam a orar. O ritual é justamente uma preparação do indivíduo para o contato com o mundo sagrado, pois ele somente é realizado nos dias em que o fiel se sente impuro, como por exemplo, quando comete algum pecado durante a semana. Então, como não se pode participar do culto sem estar purificado, necessita do ritual, caso contrário ele é dispensável. Mauss e Hubert (2005) já diziam que não há sentido em um indivíduo participar de um ritual se ele já estiver puro.

Durkheim (1996, p.19, grifos meus) fala sobre duas categorias do fenômeno religioso que elucidam a diferença entre crenças e ritos. As crenças consistem em representações (opiniões), os ritos são modos de ação determinados. “Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento”. Partindo desta idéia do autor, podemos ver que numa religião existe “aquilo que é da

alma” e “aquilo que é do corpo”. Ou seja, as crenças pertencem a alma e os ritos pertencem ao corpo. A alma crê e o corpo ritualiza através de gestos e movimentos algo que exprime esta crença. Dito de outra forma, o rito serve para atestar o que a crença diz.

## 2.2 O corpo e a alma

Assim como não há sociedade conhecida sem religião, também não existe nenhuma sociedade em que não se encontre um sistema de representações coletivas que dizem respeito a alma, a sua origem e seu destino (DURKHEIM, 1996). Sabemos que as explicações para questões como “de onde vim” ou “para onde vou” são diversas, mas sabemos que todas elas são feitas incluindo também explicações sobre o corpo, pois ele é normalmente o “abrigo” da alma.

A explicação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus<sup>3</sup> sobre tudo isto, mais especificamente sobre a criação do homem, contada pelo Pastor Roberto é de que:

*Deus pegou o pó da terra mais o pneu Mauá, ou seja, o espírito, soprou seu ar e transformou em “alma vivente”. Nós temos três elemento: o corpo, a alma e o espírito. O homem é um ser tricotômico. Olhando para esse ser, a alma é o elemento chave da vida do homem, é o elemento que decide, que questiona, a alma é o estado de decisão do homem. O corpo é a bainha da alma, o espírito é a relação que o homem tem com Deus.*

Quando o Pastor diz que o corpo é a bainha da alma, percebemos que esta sempre foi a história do corpo. Os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus concordam que se a alma permanecer fora do corpo por certo tempo, o corpo morre e a vida material acaba. Isto explica porque o corpo é visto como menos importante para as religiões em geral, pois quando chega a morte o corpo deixa de existir, mas a alma não, esta continua a viver num mundo a parte.

Para a crença da Igreja Evangélica Assembléia de Deus o lugar para onde vão as almas depois da morte depende do que cada um fez em vida, ou seja, enquanto “corpo” deve-se tomar cuidado e respeitar os dogmas da Igreja a fim de ir para o céu.

*Céu ou inferno! Veja bem, a salvação está do lado de cá da sepultura, então antes da morte você decide se quer ser salvo e ir para o céu, ou se você não quer ser salvo e ir para o inferno. Lembra que eu falei da morte espiritual, da morte física e da morte eterna? Enquanto você está vivo você participa da morte espiritual, mas quando você aceita Jesus você se restabelece. Imagine que existe um abismo que separava o homem e Deus e o homem tem que tentar chegar nele. Deus disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim, ou seja, só existe este caminho. Eu só posso escolher isto*

<sup>3</sup> A explicação do Pastor, assim como a visão de mundo que ele e os outros fiéis têm é pautada na interpretação que eles fazem da Bíblia.

*em vida, depois que você já estiver no inferno, você não volta mais, acabou* (Pastor Roberto).

Apesar desta abdicação do corpo em detrimento da alma, os fiéis da crença Evangélica estudada crêem que a alma mantém relações com este corpo e precisa dele. Por isso existe a rigidez dos fiéis quanto aos usos deste corpo, pois “consequentemente, o que atinge um atinge a outra: todo ferimento do corpo se propaga até a alma” (DURKHEIM, 2003, p.254).

Na fala seguinte é possível compreender bem o que representa o corpo para o Pastor, ele diz:

*Olha só o que diz a Bíblia: Rogo pois irmãos, pela compaixão de Deus que apresentei os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. Quer dizer o culto tem que ser inteligente pois o seu corpo é que é oferecido em sacrifício vivo e santo. Você apresenta e oferece seu corpo a Deus e não pode se conformar com este mundo (grifos nossos).*

As palavras “você” e “corpo” determinam a idéia do Pastor de que o “você” a que ele se refere é a alma, e é ela quem decide e deve oferecer o “corpo” a Deus. Ofereço o corpo porque é o que tenho de meu, não porque sou eu. E devo oferecer a Deus um corpo que seja puro. É neste momento que o corpo se torna vigiado e limitado pelas regras da Igreja, regras estas que dizem aos fiéis para oferecerem seus corpos em sacrifício “santo” e “agradável”. É o sacrifício do homem quanto ao uso que faz do próprio corpo. Sacrifício este entendido no sentido de ritual, ou seja, o próprio uso do corpo pelo fiel é feito de forma ritualística. Este “ritual do uso do corpo” limita os gestos e os comportamentos que não entram em conformidade com as possibilidades de movimento que o mundo lhe oferece.

A alma sempre foi considerada uma coisa sagrada, em oposição ao corpo que é “naturalmente” profano (DURKHEIM, 1996). O que o autor quis dizer é que para as crenças religiosas o homem consiste de duas partes distintas, as quais se opõem uma a outra, e que, obviamente, uma hierarquia é formada nesta classificação, pois uma das partes é melhor e superior à outra. Esta parte superior é o que em nós representa o divino.

É justamente com a parte de profano que existe em nós que a batalha é travada. Para o homem religioso, vencer esta batalha contra o mal é necessário, mesmo que para isso algumas medidas sejam tomadas como, por exemplo, os sacrifícios religiosos.

Mauss e Hubert (2005) falam sobre o sacrifício (rito) e sobre quais são as praticas ligadas a ele. Os autores afirmam que os ritos sacrificiais são tão antigos quanto as religiões, demonstrando de certa forma uma preocupação com a gênese das formas de sacrifício e mostrando suas ligações com o mundo religioso. Para eles um rito sacrificial não precisa estar necessariamente ligado à religião, mas geralmente está, e com certeza teve origem a partir dela.

O termo “sacrifício” é utilizado pelos autores para designar certos rituais praticados por indivíduos de um determinado grupo para iniciar ou manter o contato com deus, ou ainda, deuses dos quais têm necessidade. Ou seja, o sacrifício é composto

de atos e rituais que, como já mencionado, servem para colocar em contato o mundo do sagrado com o mundo do profano.

Entendemos sacrifício como tudo que engloba certos rituais, e estes envolvem grande dose de disciplina, sejam eles de rotina ou não, e que não são necessariamente atos que causam desconforto, dor ou sofrimento, como é de costume pensar em nossa sociedade, quando se emprega este termo. Assim, para usar um exemplo atual, sacrifício para Mauss e Hubert não seria apenas um ato de pagar uma promessa subindo escadas de joelho, porque esta foi a promessa feita ao deus. Mas o simples ato rotineiro de freqüentar um culto ou uma missa pode representar esta disciplina contida no sacrifício. Por isso, neste caso e a partir de uma interpretação pessoal, afirmamos que o termo sacrifício tem mais relação com o significado da palavra ritual do que da palavra penitência. Enfim, o termo sacrifício, visto a partir de Mauss e Hubert, mas em uma versão adaptada à sociedade atual, é a maneira pela qual os seguidores de uma determinada crença tentam entrar em contato com o mundo sagrado mediante alguns ritos. Estes ritos podem ser de adesão a determinados comportamentos, ou de abdicação a outros.

Mais do que isso, o que entendemos é que em todas estas modalidades o elemento mais importante presente nos sacrifícios é o “corpo” do indivíduo fiel. Em todos os ritos podemos perceber gestos e comportamentos que colocam o corpo como o objeto do sacrifício, portanto necessário de ser estudado para ser compreendido a partir do fenômeno religioso.

A maioria dos sacrifícios é basicamente de duas formas. Uns têm a finalidade de comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano, que se refletem hoje na representação simbólica que é conferida a certos elementos religiosos. Como exemplo disto, na Igreja estudada temos o pão e o vinho, que são os elementos que constituem o ritual da Santa Ceia e que ingeridos simbolizam a ligação do fiel com o mundo sagrado. Os fiéis que são membros da Igreja participam deste ritual uma vez por mês para lembrar do sofrimento de Jesus e também para se purificarem, já que o pão é o símbolo do corpo e o vinho é o símbolo do sangue de Cristo.

Outro tipo de sacrifício é o de redenção. Na crença Evangélica vemos diversos exemplos voltados a redenção do fiel, exemplos como a porcentagem de dinheiro doada pelo fiel todos os meses a sua Igreja, suas vestimentas, gestos proferidos durante o culto e outros comportamentos corporais são facilmente observados na rotina deste grupo e exercem influências no sentido de educar o corpo do fiel. Alguns têm ação direta, como o ato de levantar e ajoelhar nos momentos corretos, as posições da mão no momento da oração, o jejum antes de algum ritual etc. Outros agem sobre o corpo de forma indireta, como as roupas que alguns crentes precisam usar, o sermões que levam o fiel a modificar seus comportamentos etc. O corpo é sempre influenciado, independente dos rituais agirem de forma direta ou indireta. Temos aí, um conjunto de atitudes que foram educadas ao molde de uma determinada sociedade (neste caso uma sociedade religiosa), e a isso Mauss (2003) chamou de técnicas corporais.

Uma fala pronunciada pelo Pastor chama atenção sobre o sacrifício religioso:

*Enquanto vocês estiverem perto de Deus, Ele estará cuidando de vocês. Do mesmo jeito que um pai protege seus filhos, Ele estará protegendo vocês. Mas se vocês virarem as costas para o Pai, ele não terá outra escolha senão abandoná-los. Aqueles que freqüentam a morada do Senhor estão mais perto Dele.*

Esta frase declamada de forma fervorosa pelo Pastor repercute em uma das principais idéias de Mauss e Hubert (2005). Quando o Pastor fala sobre estar perto de Deus, ele não quer dizer simplesmente “mantenham suas almas perto de Deus”, e sim “freqüentem a Igreja”, “tragam seus corpos para a Igreja”. Avisar os fiéis sobre a importância de freqüentar a morada do Senhor é o mesmo que dizer que eles precisam vir até a Igreja, caso contrário a Igreja não precisaria existir. Mas ela existe porque os fiéis acreditam que para terem algum direito de usufruir das coisas divinas precisam fazer a sua parte.

Os fiéis não faltam aos cultos para que seus corpos não sejam abandonados por Deus. Vemos aqui o propósito do fiel de ter em vida o corpo protegido para que em morte sua alma seja salva. Neste sentido, a Igreja se configura como algo essencial.

Temos um corpo que depende de ações e comportamentos, ou ainda como Mauss (2003) prefere chamar, temos um corpo que depende de “técnicas corporais” que sejam desejáveis a deus, um corpo que por estes motivos precisa ser educado e construído a partir dos moldes de uma determinada crença. Para Mauss, toda técnica tem sua forma e se aprende lentamente. O autor diz que o mesmo vale para toda a atitude do corpo, ou seja, as pessoas aprendem gestos lentamente, de acordo com os hábitos de sua sociedade durante toda a vida.

### 2.3 Os usos do corpo nos dias atuais

Cada religião ensina quais são as melhores formas de utilizar o corpo para que ele não caia em tentação e cometa pecados. As religiões pentecostais, principalmente aquelas de denominações mais tradicionais, se destacam no que se refere à educação do ser humano em seus aspectos corporais.

Quando aderimos a uma religião, adotamos seus símbolos morais e inCORPORamos<sup>4</sup> as condutas sociais que as pessoas do grupo religioso esperam de nós. Abandonamos alguns hábitos e aderimos a outros. Gestos aparentemente comuns e que podem ser considerados naturais têm uma história de educação que os permeia.

Por ter a oralidade como principal meio de apresentar sua teologia, o pentecostalismo *abre espaço, mais para o exercício dos mecanismos sensoriais do que para os discursos racionais* (BANDINI, 2004, p.42). Tendo em vista que grande parte dos evangélicos se encontra à margem do conhecimento letrado, a ênfase dada ao corpo e a gestualidade, descentralizou a palavra escrita, permitindo, à sua maneira, a democratização dos conhecimentos religiosos. Para Bandini, apesar dos evangélicos assumirem a alma como superior ao corpo, este torna-se mais importante, pois é ele quem demonstra a experiência religiosa. O corpo expressa não somente a “mudança individual” provocada pela fé, como mostra que outras pessoas não são convertidas, e isto só é possível porque os evangélicos possuem características referentes ao corpo (a aparência) diferenciadas dos fiéis de outras religiões. São estas características (símbolos) que dão significado às ações de cada indivíduo. É a partir delas que cada ser humano se sente pertencido à uma determinada sociedade, neste caso a religiosa.

“Cada religião procura imprimir seus símbolos e marcas distintas nos fiéis para que sejam identificados e reconhecidos por pertencerem a ela” (MARIANO, 1999, p.116). Por mais simples e rotineiro que seja um gesto praticado por um crente, ele foi

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Jocimar Daolio (1995, p.39), ao dizer que o homem se apropria de valores e costumes sociais por meio de seu corpo. Neste sentido, a palavra inCORPOração é significativa.

educado aos moldes de sua crença. Para Geertz (1989) a religião é sociologicamente interessante porque ela, assim como o poder político, o ambiente, a obrigação jurídica, etc. modela a ordem social.

Para Sanchis (1994), o que demarca este campo religioso é o fato de que os fiéis assumem uma identidade única, que repercute na totalidade de uma orientação existencial organizada pela igreja. Esta adesão se dá através “conversão”. A partir do momento em que o sujeito se converte ele precisa se diferenciar dos não convertidos e estas diferenças são demonstradas no corpo e no comportamento destes fiéis.

Pode-se dizer que todas estas técnicas corporais e ações do indivíduo evangélico estão a todo tempo intermediando a sua relação com Deus. Mariano (1999) nos mostra que a maioria dos evangélicos possui uma relação quase obsessiva com as questões relativas à igreja. Para eles, tudo que acontece é influência de Deus ou do Diabo. Ou seja, mesmo que a intenção final seja a salvação da alma, o corpo é o objeto a ser utilizado para este fim.

Ao que parece, todas estas técnicas corporais e contratos selados com o “ser superior” têm como intenção a salvação da alma, dando ao corpo somente o papel de mero objeto a ser utilizado para este fim. Portanto, o corpo é passível de se adaptar e se modelar da forma que for mais adequada. Seus gestos a partir de então serão reflexos de uma educação corporal religiosa.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mauss (2003) cita diversas técnicas corporais que são aprendidas socialmente. A própria maneira de andar é um exemplo. Ele crê que pode reconhecer uma jovem que foi educada num convento, assim como reconhecer o andar de uma moça francesa que é diferente do andar de uma moça inglesa. Outro exemplo dado pelo autor é a posição das mãos em repouso, algumas são convenientes, outras não. Citemos um ótimo exemplo dado por Mauss:

Assim, podeis adivinhar com certeza, se uma criança conserva a mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come as mão sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apóia sobre a mesa, e assim por diante (MAUSS, 2003, p. 404).

Tudo isto também pode ser observado nas diferentes religiões. Para o autor, um simples gesto que se faz com as mãos (e que é diferente de uma religião para outra) durante uma oração religiosa, é efetuado numa série de atos montados. “(...) e montados no indivíduo, não simplesmente por ele próprio mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” (MAUSS, 2003, p. 408). É por isso que entendemos quando o autor fala que o corpo e suas técnicas estão ligados a símbolos morais.

Os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, ao rezarem durante os cultos, fechavam seus olhos num gesto que contraía toda a musculatura facial, transmitindo uma expressão de dor e sofrimento. Ao mesmo tempo em que pronunciavam palavras em tom de choro, apertavam os punhos com os dedos bem fechados como se este gesto simbolizasse a força que desejavam receber de Deus a fim de suportar aquela dor que estavam sentindo. São os símbolos contidos nestes

movimentos, que fazem deles, o que chamamos de gestos. Afinal, gestos são técnicas corporais dotadas de significados culturais.

Os aparatos de um gesto podem ser mecânicos, anatômicos, mas o que ele representa é simbólico e, portanto, cultural. Deste modo, também os gestos e comportamentos dos fiéis aprendidos na igreja podem ser chamados de “técnicas do corpo”, visto que para Mauss (2003, p. 401) as técnicas corporais são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. A maneira pela qual os frequentadores de uma sociedade religiosa específica servem-se de seus corpos é justamente um reflexo de suas crenças e tradições. Seus gestos são aprendidos dentro de padrões determinados de comportamento. Quando digo “determinados”, não estou dizendo que isto acontece de maneira obrigatória e sim de forma sutil e talvez totalmente inconsciente de acordo com a crença e a herança de um grupo específico. No caso da Igreja pesquisada, o corpo é educado de forma que seu uso não prejudique a posterior salvação de sua alma.

Como já disse anteriormente, o gesto executado pode ser físico (biológico), mas seu elemento “condicionador” é social. Neste caso a Igreja se torna este condicionador social e é ela quem intervém e age na educação do corpo dos indivíduos que a frequentam.

Quando a educação religiosa chega até a escola, junto com ela chega a necessidade de refletirmos a respeito da diversidade que perpassa o ambiente escolar. O fato de termos alunos que possuem características corporais distintas e que por este motivo se comportam de formas distintas nas aulas, não pode ser deixado de lado por nós professores. Respeitar a diversidade é legítimo, mas buscar um modo de trabalhar com ela durante as aulas, sem que isto prejudique o conteúdo a ser trabalhado é imprescindível. Mas o modo como podemos fazer isto será tratada num próximo texto, por enquanto pensemos sobre as questões já colocadas.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDINI, C. Corpo, religião e identidade social: marcas simbólicas da experiência pentecostal notas de uma pesquisa. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, SP, v. 9, n. 10, p.40-48, 2004
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papirus, 1995
- DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAUSS, M.; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- SANCHIS, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 34-63.

Autora responsável pela correspondência:  
Ana Carolina Capellini Rigoni  
Rua André Filipaki, 50. Bairro Centro

CEP: 84500-000 Irati - PR  
Tel. residencial: (42) 3422-2805 ou (19) 3307-1663  
Tel. Celular: (019) 9253-9605  
E-mail: [anacarolinarigoni@yahoo.com.br](mailto:anacarolinarigoni@yahoo.com.br)

Recurso necessário para apresentação: Data show

